

Palavras-chave: rodas culturais, hip hop, São Gonçalo – RJ

Esse presente trabalho faz parte da minha pesquisa de graduação sobre a Roda Cultural do Alcântara, uma das rodas culturais que acontecem no espaço público do município de São Gonçalo, o segundo mais populoso do Rio de Janeiro, com caráter independente e realização semanal². Busco evidenciar mediante entrevistas e da observação participante a RCA como precursora dessa cena cultural na cidade. Meu primeiro contato com a RCA foi no dia 24 de junho do ano passado, fui recebido pelo Yuri Bastos, um dos organizadores. Na ocasião, o evento era o *Hip Hop day*, a realização da Roda após um período sem atividades.

Gostaria de deixar claro que alguns detalhes sobre a RCA seriam impossíveis de serem tratados com nomes fictícios. Dessa forma, questionei os organizadores sobre o assunto e recebi a autorização verbal para usar o nome verdadeiro da roda cultural, seu local de realização e das pessoas presentes, incluindo os nomes dos articuladores. Mas sabendo dos limites éticos e da forma de observação que estava fazendo, preferi utilizar pseudônimos nas pessoas que não conversei. Logo, os nomes reais serão apenas o dos organizadores, da praça e da roda cultural, pois são importantes para construção do texto. Essa foi a forma que encontrei para resolver o problema desenvolvido pela Claudia Fonseca no seu texto sobre anonimato, a maneira de resolver como iria conciliar a riqueza dos detalhes ao mesmo tempo que exerço uma vigilância constante dos limites éticos da pesquisa.

Magnani (1996) destaca o termo “pedaço” para se referir a um espaço que se se torna ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações. Podemos dizer assim que desde o início da RCA, fundada pelo Dipro em 2013, a praça Chico Mendes é o pedaço em que as práticas coletivas acontecem, e era constantemente reverenciada nas músicas e nas conversas que tenho durante o trabalho de campo. É se apropriando desse pedaço que o grupo manifesta sua cultura. A grafiteira Aila ilustrou essa definição de pedaço em uma conversa comigo, dizendo que: a praça é o coração do Hip Hop, as ruas as artérias e nós somos o sangue.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² A realização da roda foi alterada de quinzenal para semanal após o envio do resumo.

Pois transitamos pelas ruas, mas sempre voltamos para as praças. Dessa maneira, é possível entender como as rodas culturais fazem parte da cidade, tendo evento todos os dias da semana, em diferentes bairros.

Decidi, então, realizar a observação participante, de forma que eu deveria acompanhar todas as ações durante os eventos, observando os 4 elementos (*break dance*, DJ, MC e grafite) da cultura *Hip Hop*. Respeitando os limites do campo, busco encontrar as regras de funcionamento da RCA através dessa observação, conforme Magnani (1996), destaca:

Devia-se estar atento principalmente à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposição das edificações e equipamentos, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros. Não se tratava de buscar o inusitado, o inesperado, mas, ao contrário, o reiterativo, o padrão, a norma. A delimitação prévia do percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade sem interrupções é condição para se captar a diversidade de uma rua, por exemplo, sem se deixar levar pela fragmentação que, à primeira vista, ela parece exibir. Deve haver uma ordem, um ritmo, regras. Os usuários obedecem a essa ordem sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado. Ao pesquisador cabe identificar tais regras. (Magnani, 1996).

Em um trabalho de olhar, ouvir e escrever (Cardoso de Oliveira, 1998), aliado ao conhecimento de métodos antropológicos visando o entendimento da apropriação que o grupo faz da Praça, daquele pedaço, a forma que acontece e os padrões que se criam decidi construir dados qualitativos por meio anotações no caderno de campo, fotografias e entrevistas gravadas no celular. Seria necessário condicionar o olhar e o ouvir para entender a complexidade de interações acontecendo naquele lugar, e o escrever para construir dados sobre a observação, respeitando a alteridade do grupo estudando e a *mancha urbana* que eles ocupam. Utilizo, também, entrevistas realizadas no evento e fora dele, além de registros fotográficos feitos em minha câmera.

A Roda Cultural de Alcântara (RCA), acontece na Praça Chico Mendes, localizada em uma das principais ruas do bairro Alcântara, a praça se estende por toda a Rua Lindolfo

Collor e é conhecida pela mudança de sua arquitetura ao longo do tempo, chegando a ser chamada Praça da Bíblia por um determinado período. Em entrevista com o RAS, ele diz que a ideia da RCA sempre foi lutar pelo espaço da Praça, pois o espaço tem muita história, e sempre foi o berço do *underground*.

Decidi por realizar o trabalho na RCA, pois assim como Peirano destaca, em seu texto sobre pesquisa de campo e etnografia.

Na Antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia a dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. (Peirano, 1993)

Moro próximo à praça e estudei por 4 anos em uma escola municipal a 500m dela, sou apaixonado pela cultura hip-hop, estudar a relação dos organizadores e frequentadores da Roda com a praça e a manifestação cultural realizada ali ampliaria minhas opções de realizar um bom trabalho. Atualmente, a RCA é articulada um grupo de pessoas, todos do sexo masculino, sendo meus maiores interlocutores: Yuri Bastos “XEEP”, Gabriel “RAS” e KILL. Articuladores e participantes afirmam que a Roda Cultural de Alcântara é a única roda cultural do Rio de Janeiro em que os 4 pilares da cultura hip-hop acontecem simultaneamente, se diferenciando das demais rodas culturais do município que privilegiam a batalha de rima. Na RCA acontece exposição de artesanato, poesias, batalha de TAG, batalha de MCs, *pocket shows* de artistas locais, entre outras atividades. A divulgação do evento acontece pelas redes sociais, com um folheto informando data, horário e atrações, conforme figura abaixo:

Figura 1 - divulgação da edição de 22/06.



Fonte: Página da RCA no Instagram.³

As inscrições para a batalha de MCs acontecem desde o início da Roda, o mestre de cerimônias, frequentemente anuncia no microfone que as inscrições estão abertas e que para se inscrever os MCs devem comparecer na mesa do DJ para colocar o nome em uma folha de caderno. O começo da batalha se dá com o mestre de cerimônias entoando frases que provocassem a audiência a participar da batalha, pedindo que interagissem com as rimas e votassem no campeão. Uma das frases era: “Até o último suspiro se expressar pra prosperar, isso é RC”, e a plateia gritava “A”.

As regras da batalha de rima consistem em: as batalhas acontecem no formato melhor de 3, onde cada competidor tem 4 falas de 45s no modo *freestyle* ao som de batidas de hip hop e funk e a plateia vota por meio de gritos e aplausos, sendo necessário contar mãos quando é difícil definir o vencedor nos gritos. Um frequentador aleatório da Roda é escolhido pelo mestre de cerimônias para falar um número de 1 a 8, após ele ler o primeiro nome no papel e chamar no microfone, é solicitado que um outro frequentador fale outro número, de forma que se formasse a primeira dupla que iria batalhar.

Figura 2 - FreeKlid e CarraraMC se enfrentam na primeira fase da batalha da edição do dia 22/06.

³ Disponível em: < <https://l1nk.dev/Qllgq> >. Acesso em: 25 jun. 2024.



Fonte: Arquivo do autor.

Dessa forma, as batalhas iam acontecendo até se formarem novas duplas que disputaram semifinais e a grande final, em forma de chaveamento. Ferreira Gomes destaca em seu trabalho sobre Batalhas de MCs de Hip Hop na Cidade de São Paulo que:

Conhecer a rede de Batalhas de MC's que se cria em torno de identidades, etnia, e valores comuns, significa em acréscimo, conhecer a linguagem interna de atores coletivos, permeada por uma cultura de contestação, construída a partir de uma historicidade, como é o caso do movimento Hip Hop. (Ferreira Gomes, 2019).

Dessa forma, é importante destacar como acompanhar as batalhas fez com que eu me integrasse mais aquele universo, das narrativas e dos atores envolvidos. E, distanciasse a ideia do *Hip Hop* que toca em aplicativos de música e domina as paradas musicais, o rap da RCA se aproxima do cotidiano dos MCs que batalham com licença poética para atacar o oponente visando aprovação da plateia. Na RCA, acontece também a batalha de TAG, com modo de sorteio e torcida similar a batalha de MCs, só que a pessoa escolhida na plateia precisa falar uma palavra para dois artistas escreverem, cada um com a sua caligrafia.

Figura 3 - SPIN participando da batalha de TAG.



Fonte: Arquivo do autor.

Silva (2000) destaca que “nativos de carne e osso” exigem “antropólogos de carne e osso”, logo, o trabalho sobre a RCA na Praça Chico Mendes traz questionamentos importantes, destaca o trabalho feito por múltiplas mãos e a resistência da juventude em promover um evento relacionado a cultura no município de São Gonçalo, seguindo o propósito de revelar MCs, além de recuperar o espaço perdido da Praça Chico Mendes (Gonzaga, 2021). Segundo as ideias do RAS, a organização da Roda tem ideia de formar artistas completos e criar uma casa de cultura com cursos e oficinas.

Figura 4 - Participantes posam para foto ao final da edição.



Fonte: Arquivo do autor.

As questões apresentadas são frutos de uma tentativa de entender o que não é verbalizado, mas se refletem como fundamentais entre os membros da RCA. A Roda é entendida como uma manifestação da cena do Hip Hop significativa em São Gonçalo, que não apenas promove os 4 elementos, mas também revitaliza a Praça Chico Mendes e integra o *skate* e o *parkour*. Desde seu início em 2013, a RCA se estabeleceu como um ponto de encontro semanal para a juventude do município, passando por transformações ao longo do tempo. Este estudo, inspirado por Magnani (1996), explora a apropriação do espaço público pelos participantes, destacando a importância da Praça como um "pedaço" central para a comunidade hip hop local.

Referências Bibliográficas

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

FERREIRA GOMES, Amanda. Batalhas de MC's de Hip Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 12, p. 838-860, 2019.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia "em casa". In: SCHUCH, Patrice Et all (orgs.). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2010.

GONZAGA, Klauder Vicente Quevedo. O Hip Hop em São Gonçalo (1998-2015)": da ASAC a Batalha do Tanque. Rio de Janeiro: Mosaico, 2021.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. In: Na metrópole: textos de Antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 197-223, 1993.

SILVA, Vágner. O antropólogo e sua magia. São Paulo: EdUSP, 2000. pp.114-167.